

Um dia azarento

O Natal aproximava-se acelerado e tudo parecia ter metido a primeira e logo depois a quinta para se despacharem a grande velocidade. Havia tanto que fazer. Isso era o que eu desejava, pois ainda faltavam um mês e quinze dias para as férias. Passado um mês de aulas e já queria férias outra vez.

Eu preferia as compras, enfeitar a casa e o jardim e deixava os doces para a minha mãe e a empregada.

-Ês uma rapariga, tens de aprender a cozinhar.

Tenho, era o que faltava. Isso era nos tempos que já lá vão. Eu tinha de cozinhar e o meu irmão também. Onde estavam os direitos das mulheres? Quando chegasse a hora, resolveria o problema. Para já, era adolescente, palavra a que me agarrava, sempre que me convinha.

Naquele momento, estava a ficar exausta com tanto teste e trabalhos para fazer. A desarrumação era total, não era só no quarto, era também no material e no método de estudo. Todos os anos fazia promessas e nunca as cumpria. Nunca fui arrumada e até mentalmente era desarrumada. O meu irmão dizia que era atrasada mental e, à conta disso, já tínhamos tido valentes pegas.

Aquele dia foi uma dor de cabeça.

Sabem aqueles dias em que nada nos corre bem, em que acordamos para o lado esquerdo da cama e parece que andamos com o enguiço atrás?

Quantas vezes penso que uma qualquer bruxa das histórias saiu da prisão livresca e resolveu vir cá para fora para agourar a sério e emaranhar tudo quanto pretendo fazer.

Naquele dia, aliás, naquela manhã muito particular (era o aniversário da minha mãe), os azares começaram cedo, mal pus os pés fora da cama.

Nem me cheguei a pôr em pé... o tapete fugiu e estendi-me ao comprido. Foi tal o estrondo que, se a casa não estivesse já desperta (eram 8 da manhã), ficá-lo-ia. Assim, limitaram-se todos a entrar aos berros e de supetão no meu quarto: “Que aconteceu, filha?” “Ai, meu Deus, Geninha, que te aconteceu?” “F..., mana. Caíste?” “Cruzes, menina, que acontexeu?”

Ainda meia zozza, ergui-me e fiquei a olhar os rostos inquietos que me olhavam. Faziam um quarteto tão cómico que desatei às gargalhadas: o meu pai tinha meio rosto barbeado, a minha mãe só um olho pintado, a Elvira (a empregada interna que nos tinha criado e à minha mãe) tinha rolos na cabeça e o meu irmão parecia ter andado à bulha com

os gatos e cheirava a pasta de dentes (ainda bem... naquela manhã lavara os dentes... já o pente continuava a desconhecer o cabelo...).

A minha reação foi tão disparatada que o desconcerto foi geral. Durante uns minutos ainda me olharam como se da queda tivesse resultado algum mal, mas depois deixaram o meu quarto em filinha indiana a pensar que eu estava no meu normal, ou seja, desaparafusada de nascença.

Tomei um duche rápido. Não caí, mas escorreguei na banheira duas vezes e vi estrelas com a violenta cabeçada na torneira do chuveiro. Como sou cabeça dura, não a rachei nem daí resultou algo visível a olho nu. Acho que a nódoa negra apenas se manifestou no cérebro que começava a manifestar mau humor.

Já no quarto, enfim, foi um descabro: rasguei dois pares de meias, descosi a batinha da saia (o que implicou mudança de vestuário), perdi um brinco e não atinei com a pintura (acabei a meter o lápis no olho...)... Os desastres não se ficaram por aqui: escalei a língua com o leite, pus uma nódoa de manteiga na camisa e virei a cafeteira na mesa (por sorte não foi por mim abaixo). Como não havia tempo para fazer mais café, tomei o leite simples com uma torrada semiqueimada (esqueci-me dela na torradeira).

Estava a ser um dia inesquecível e aterrorizador. E ainda não tinha saído de casa! Era mesmo o 31 de outubro, o Dia das Bruxas, muito embora, na altura, ainda não tivesse consciência da data.

Saí de casa perseguida pelos azares: perdi o autocarro, parti o tacão da bota e, como tive de ir ao sapateiro, também perdi a primeira aula; na segunda aula, um colega trocou as canetas e encheu o quadro branco com marcador de álcool e tivemos de aturar a fúria da professora; na terceira aula, o projetor de vídeo, inexplicavelmente, não funcionou; durante o intervalo, dei uma queda porque o fuinha do Rui me deu um encontrão e era uma vez uns óculos; depois das aulas, no regresso a casa, fui assaltada e fiquei sem a mochila de educação física (lá se foram as sapatilhas de marca!).

Quando entrei em casa, levava o mundo aos ombros. Sentia-me completamente exaurida.

O dia ainda não tinha chegado ao fim! Que mais poderia acontecer?

-Ó minha rica menina... - começou a Elvira e CATRAPUM. Foi a vez de ela mandar um trambolhão bem à minha frente.

Felizmente, não aconteceu nada de maior e lá foi ela a resmungar para a cozinha contra os chãos que tinham de estar encerados como espelhos (mania da mãe que já tinha

sido da avó!). Bem, não vou escrever aqui o que ela disse, porque se esqueceu de que não falava mal e não dizia palavrões, o que é muito típico dela, diga-se de passagem.

Um pouco mais tarde, era tal o estardalhaço na cozinha que fui ver o que se passava e encontrei uma Elvira furibunda, capaz de esganar o primeiro que se atrevesse a fazer o que quer que fosse. Nem me atrevi a falar. Também não foi necessário, porque ela explodiu:

-Queimei o estruxido, o bolo não dextrinizou e partiu-se todo, cortei-me na faca e...

Quando exibiu o dedo, onde se via um enorme penso rápido, não me contive e voltei a rebentar em gargalhadas. Ela estava tão cómica assim com o dedo empanado e a cara vermelha como um tomate! Virou-se armada em fera.

-Ó Elvira - pedi, contendo a custo o riso. – Tu desculpa-me, mas se soubesses o meu dia...

E contei.

Ela olhou-me espavorida, tirou o avental e disse-me autoritariamente:

-Venha daí, menina. Isto não vai ficar assim.

Como se não bastasse, o saco da farinha espalhou-se em cima da mesa e levantou uma nuvem de pó e um tacho caiu ao chão com um estouro que ecoou pela casa.

Ambas demos um salto, espirramos e a Elvira benzeu-se duas vezes e começou a murmurar. Ainda consegui ouvir uma parte: “*Deus te encante quem te encantou, dentro deste corpo exte mal entrou, axim como o xol naxe na terra e xe põe no mar que todoox estex malex para lá vão parar*”.

-Que estás a dizer, Elvira?

-Olhe, menina, é uma reja que a minha abó dizia... E não me diga que não é mau-olhado, porque a menina está a prexijar de um defumadouro para atalhar os arex.

Pronto, lá estava ela lançada num dos seus temas favoritos – bruxedos e bruxarias.

E arrastou-me para fora de casa e levou-me até casa da D^a. Maria que era uma bruxa diplomada, dizia ela. Confesso que a curiosidade matou o gato e não me matou a mim, porque venci o medo que tinha a essas coisas.

Um pouco desiludida (estava à espera do chapéu de bico, da verruga, do caldeirão e da vassoura!), entrámos para uma sala normalíssima onde já estava uma velhota supersimpática e com um ar de avozinha das histórias. Só os olhos tinham qualquer coisa de anormal. Pareciam verrumas.

Bem, pelos vistos ambas pensavam que eu estava mesmo com problemas, porque mal puseram uma gota de azeite num prato com água, ela espalhou-se imediatamente, sinal

de que o meu ar precisava de ser atalhado. Bem, da cerimónia não percebi patavina e acabou com uma reza da qual também não ouvi palavra.

Regressei a casa muito compenetrada (a última coisa que eu pretendia era ofender a Elvira) e olhava para ela de viés a procurar ler-lhe o rosto fechado.

À entrada, apenas me disse:

-Nem uma palavra à xua mãezinha ou ao xeu paixinho!

Eu... falar? Só se fosse buscar lenha para me queimar!

Se fez algum efeito ou não, não sei. Eu sentia-me na mesma. Os azares não se repetiram e... bem, quando entrei em casa, vi o calendário em cima da mesa.

Era o Dia das Bruxas. Acreditar não acredito, mas que as há há e eu que o diga!

À noite, quando me deitei, ia jurar que ouvi o meu nome dito por uma voz masculina que me fez lembrar uma outra... desaparecida há algum tempo.

“-António, não incomodes a rapariga!”

“-Por que razão não me deixaste falar com ela, Maria? Só lhe queria dizer onde escondi as libras de ouro.”

Só podia ser sugestão. Mas era capaz de jurar que as vozes eram do avô António e da avó Maria, pais da minha mãe. Que saudades tinha dessa avó que me contava histórias maravilhosas, quando me deitava e desse avô que fazia esculturas lindíssimas em madeira esculpidas com um canivete. E olhei para a prateleira central da estante onde estava uma casinha de bonecas com todas as miniaturas feitas por ele e, mesmo ao lado, o jardim zoológico com macacos, leões, um rinoceronte, um casal de elefantes, uma avestruz, um tigre, uma pantera, um urso e uma gaiola com pássaros (um periquito, um papagaio, um canário, um melro, um cuco, um mocho...) e logo a seguir uma quinta com as aves de capoeira e os animais: porcos, vacas, ovelhas, carneiros, cavalos,...

Adormeci a pensar nos meus avós e naquela época de um passado ainda recente.

Fora uma perda muito dolorosa e difícil de superar. A camioneta do Centro de Dia onde viajavam (eles e mais trinta idosos) tinha-se despistado na autoestrada e vinte tinham falecido.

O acidente fora muito badalado na comunicação social, pois o despiste fora causado por óleo na estrada. O caso ainda estava no contencioso, embora isso não me devolvesse os avós. A culpa sempre morreu solteira e, na hora H, não há culpados.

Tive um sono agitado e andei a lutar com os lençóis. Lembro-me de me ter levantado várias vezes durante a noite. *“Geninha, pede à Elvira que procure na parede traseira do chiqueiro. Tem de deslocar a terceira pedra do lado do curral”*.

Acordei com um ferreiro a trabalhar na bigorna da minha cabeça. A mensagem martelava-me as fronteiras e o pequeno-almoço tão depressa entrou como saiu.

A Elvira exagerou, como de costume, mas depressa todos souberam que eu estava doente, o que só acontecia muito raramente (quando o rei fazia anos, como dizia a Virinha). Estava mesmo febril, com perto de 39°. Bem tentaram meter-me na cama. Esforços baldados.

Deixei-me ficar pelo quarto e, quando a Elvira me apareceu com a canja ao meio-dia (o remédio milagroso para todas as doenças!), contei-lhe a frase que ecoava na minha cabeça, incessantemente e o que acontecera de noite.

E de novo vieram as benzeduras e as rezas.

-Sabes, às tantas fiquei mal por ter ido a casa da tua amiga.

Foi mordida por uma cobra. Chamou-me ingrata e mal-agradecida.

-A menina devia era dar graxas. Onde já se viu tamanha burrice?

E olhava-me de lado, desconfiada, com quem quer fazer asneira mas lhe falta a coragem. De repente, pegou num xaile, embrulhou-me nele e levou-me com ela.

-Vamos pôr tudo em pratos limpos... o que for xerá... ora não querem lá ver, o raio do home?... Deus o tenha em descanso (e benzia-se) e mais a sua xenhora (e voltava a benzer-se)! Ai, minha rica xenhora, que xaudades!

Ainda tonta e bastante agoniada, lá a fui seguindo, enquanto ia resmungando sobre os meus avós e o diabo que resolvera fazer das suas, naquele domingo azarado de finais de agosto.

Eu não entrei no chiqueiro, embora fosse um local bem limpo. Só que eu tinha um medo que me pelava dos porcos. Não eram animais da minha simpatia.

Interessada, fiquei a vê-la contar as pedras da parede traseira e lá estava. A terceira pedra a contar do lado do curral estava solta e, por trás dela, estava uma saca com bastantes libras. Eu tinha uma ou duas na minha caixinha das joias, mas ali estavam para cima de cem. O avô tinha a mania dos ladrões e não confiava nos bancos; por isso, arranjava aquele esconderijo e não tivera tempo de dizer nada a ninguém, pois a morte fora súbita.

Ainda hoje não sei o significado da aventura daquela noite. Como é que eu soube ...

Não me lembro do meu avô me falar em libras de ouro, embora muitas das histórias que me contava falassem em esconderijos secretos. E até me fizera um porta-joias com um fundo falso, onde escondera precisamente a minha primeira libra...

Contudo, sei que a voz que ouvi era a dele. Tenho a certeza.

E foi um Natal inesquecível, porque as obras da casa puderam ser feitas e outras coisas compradas como um carro, já que o que o pai tinha estava a precisar de reforma há uns tempos.

A vida melhorou, mas os estudos continuavam e eu continuava a mesma desarrumada. Há coisas que nunca mudam.

Devas pedir isso ao Pai Natal! Quem disse não sei, mas que ouvi, ouvi...

Não disse nada a ninguém. Já estava a ficar sugestionada com estas coisas todas. Nunca mais voltei a ter um dia daqueles.

No Natal, porém, quando subia para o quarto, depois de ter ido à cozinha beber água das pedras, porque comera demasiados doces, vi que a lareira estava quase apagada e alguém remexia as cinzas para a reacender. Ia jurar que tinha botas até aos joelhos e um fato vermelho e, ao subir, pareceu-me ouvir um HO!HO!HO!

Só faltava. Agora encontrava-me com o Pai Natal. A minha imaginação era mesmo desenfreada e os últimos acontecimentos originaram que os meus exercícios de expressão escrita fossem avaliados com 5. E as notas foram ótimas, mas não estava contente com esta tretinha de ver seres da fantasia...

E, nem disse nada à Elvira, muito menos aos meus pais.

Vocês acreditam no Pai Natal? Eu acreditei até muito tarde, porque os jovens são mais felizes, os que vivem mais tempo na fantasia.

Seja como for, lá estou eu a escrever mais uma história para o meu editor. Vai gostar ou não? Não é coisa que me preocupe. Escreve-se outro.

Divirtam-se e bom Natal.

Maria Teresa Portal Oliveira

BIOGRAFIA

Maria Teresa Portal Guimarães de Oliveira nasceu no Porto, em 1955. Coursou Filologia Germânica, na Faculdade de Letras, da Universidade do Porto (último curso com 5 anos), e lecionou 44 anos. Habita em Barco, uma freguesia a 3,5km de Caldas das Taipas,

Com efeito começou a lecionar no Liceu de Guimarães ao 11º de Alemão (não havia ainda o 12ºano), ao 8º ano (nível IV) , a única turma do liceu e do concelho numa altura e que ainda não havia programas nem manuais para a disciplina.

Fez estágio ao 3º grupo (Português/ Inglês- 220), na Escola Preparatória de Fafe, por não haver estágios a alemão há uns anos. Passou por Creixomil, onde foi delegada de Português, E chegou à atual EB Taipas, onde lecionou quase sempre Português, a maioria dos quais ao 3º ciclo (grupo 300), por conveniência de horários da escola, durante os últimos 35 anos em que lecionou. Foi delegada de Português, durante 10 anos (juntando a representação de 2 anos do 3ºciclo, enquanto não houve quadro da escola). E os outros 25 esteve na gestão da EB23 / Agrupamento de Escolas das Taipas, a maioria dos quais como vice-presidente/subdiretora.

Criou O PEQUENO JORNALISTA, premiado no Concurso Nacional de Jornais Escolares, em 92/93 e 95/96, mantendo-o 30 anos até se aposentar. Deu aulas de Jornalismo, no Clube de Jornalismo, e depois na Oficina de Jornalismo e Escrita Criativa. Esta última funcionou como um Clube de Desenvolvimento para os bons alunos a Português, para lhes poder desenvolver as capacidades de Escrita.

Foi com esta Oficina que , desafiada pelo site Wikijornal, criou Os Pequenos Jornalistas online, o plural do que era em papel e alimentado quase exclusivamente pelos alunos da Oficina.

Como cronista, escreve para O REFLEXO, o jornal da vila de Caldas das Taipas, desde a primeira hora, tendo este festejado o seu 30ºaniversário, há 2 ou 3 anos. Escreveu também para o POVO DE GUIMARÃES que desapareceu há anos.

Escrevia para a ELO, a revista do Centro de Formação Francisco de Holanda e agora escreve para os Musiké, revista lançada por todos quantos então se reformaram.

Embora fosse obrigada a abandonar a escola em 2017/2018, aposentou-se apenas a 1 de agosto de 2019.

Desapareceu a professora e nasceu a escritora e poetisa, que já escrevia, mas apenas publicava contos, poesias e editoriais no jornal escolar pr não se poder ausentar da escola, dadas as funções desempenhadas.

Durante anos, na escola, escreveu contos em inglês para a revista «The Kids» e a colega de inglês escrevia contos para o Pequeno Jornalista.

Foi premiada em coletâneas (premiada com um 1º lugar, em poesia, «Fome», na Reflexões da Hüning Editora, foi homenageada (MH) com o conto «Terse-á o mundo finalmente conectado?» na Conexões, da mesma editora, no Brasil), foi selecionada com um conto «Ruivinho», para fazer a Coletânea Philia de Contos Juvenis- Eu leio um conto 2021.

Em Portugal, ganhou uma MH, no 22º Concurso Dr. João Isabel da Câmara Municipal de Manteigas, com um conto.

Desde 2016 que oublca poesia ou conto na Chiado Books, e agora também na Cordel de Prata.

Publicou o seu 1º livro infantojuvenil “Bruxas Bruxinhas” em setembro de 2021;

A Coleção Os Segredos: «Os Segredos da Casa Abandonada», o 1º da coleção, em 2022, o 2º ,em 2024, «Os Segredos da Aldeia da Meia Lua». Os outros dois, que acabam a coleção, já paginados e ilustrados estão para sair oportunamente.

Na Editora Caneta de Estilo publicou para a camada infantil «A Brasinha Aventureira» e para os jovens adultos «Ser um Dotado no século XXII», em 2024.

Publicou em 2023, o 1º romance “Vidas Sofridas”, em 2024 o «Cartas ao meu eu do outro lado do espelho» e, em 2025, «(Des)Encontros à Beira-mar».